

# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ROTEIRO DE ATIVIDADES**

9º ANO

2º BIMESTRE

**AUTORIA**

**ELZA RAMOS DA SILVA**

**Rio de Janeiro**

**2013**

## TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é um conto que mistura fantasia e realidade numa narrativa linear tendo como tema a força da fé, a existência de milagres, a vida e a morte.

### NATAL NA BARCA

*Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.*

*O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.*

*Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com a barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.*

*Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.*

*A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.*

*- Tão gelada – estranhei, enxugando a mão.*

*- Mas de manhã é quente.*

*Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava como um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Vi que suas roupas tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.*

*- De manhã esse rio é quente – insistiu ela, me encarando.*

*- Quente?*

*- Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa, pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É primeira vez que vem por estas bandas?*

*Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi, com uma outra pergunta:*

*- Mas a senhora mora aqui por perto?*

*- Em Lucena . Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...*

*A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto tranqüilo.*

*- Seu filho?*

*- E está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia consultar um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem, mas de repente piorou. Uma febre, só febre... – levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo, mas o olhar tinha a expressão doce – Só sei que Deus não vai me abandonar.*

*- É o caçula?*

*- é o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de três anos. Atirei o cigarro na direção do rio, mas o toco bateu na grade e voltou, rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do*

*sapato e fique a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.*

*- E esse? Que idade tem?*

*- Vai completar um ano. – E noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: - Era um menino tão bonzinho, tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... Só a última mágica que fez foi perfeita, vou voar! – disse abrindo os braços. E voou.*

*Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços – os tais laços humanos - já ameaçavam me envolver. Consegui evitá-los até aquele instante. Mas agora não tinha forças para rompê-los.*

*- Seu marido está à sua espera?*

*- Meu marido me abandonou.*

*Sentei-me novamente e tive vontade de rir. Era incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta, mas agora não podia mais parar.*

*- Há muito tempo?*

*- Faz seis meses. Imagine que nós vivíamos tão bem, mas tão bem! Quando ele encontrou por acaso com essa antiga namorada, falou comigo sobre ele, fez até uma brincadeira, a Duca enfeou, de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito... E não falou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou como menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda me acenou, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me acenou através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela de arame no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tardinha, Le mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.*

*Fixei-me nas nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio, incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de que relata fatos sem ter participado deles realmente. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, e ainda via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Intocável. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos e aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez sorrir.*

*-A senhora é conformada.*

*- Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.*

*- Deus – repeti vagamente.*

*-A senhora não acredita em Deus?*

*- Acredito – murmurei. E, ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por que, perturbei-me. Agora entendia. Ai estava o segredo daquela confiança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas.*

*Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou, com voz quente de paixão.*

*- Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele... Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar; só se mostrasse um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando como Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tal sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.*

*Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei o olhar para o chão. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto.*

*Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim.*

*- Estamos chegando – anunciou.*

*Apanhei depressa minha pasta. O importante era sair, fugir antes que ela descobrisse, era terrível demais, não queria ver. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia.*

*- Chegamos! Ei! Chegamos!...*

*Aproximei-me, evitando encará-la.*

*- Acho melhor nos despedirmos aqui – disse atropeladamente, estendendo a mão.*

*Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse pegar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.*

*- Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.*

*- Acordou?!*

*Ela teve um sorriso.*

*- Veja...*

*Inclinei-me. a criança abriu os olhos – aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face de novo corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.*

*- Então, bom Natal! – disse ela, enfiando a sacola no braço*

*Encarei-a. Sob o manto preto, de pontas cruzadas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa. E acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.*

*Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim reiniciando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.*

*(Lígia Fagundes Telles)*

## **ATIVIDADE DE LEITURA**

### **QUESTÃO 1**

O conto é um texto curto que pertence ao grupo dos Gêneros narrativos ficcionais. Caracteriza-se por apresentar poucas personagens sendo estas divididas em principais e secundárias. Sendo assim, responda quais são as personagens envolvidas no conto *Nata Na Barca*, de Lygia Fagundes Telles.

#### **Habilidade trabalhada**

*Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito.*

#### **Resposta comentada**

Ao responder esta questão, o aluno deverá identificar as que as personagens principais são a narradora, a mulher com a criança e que o velho e o bilheteiro que são as personagens secundárias. Porém, não deve deixar de perceber que o marido e o filho mais velho da mulher também são personagens secundários, pois participam da história indiretamente, por meio da memória da mulher.

## QUESTÃO 2

Os fatos de uma narrativa relacionam-se com o espaço em dois níveis: espaço físico ou geográfico que é o lugar onde acontecem os fatos que envolvem as personagens e o espaço social que é relativo ao ambiente, ou seja, relativo às condições socioeconômicas, morais e psicológicas que dizem respeito às personagens. No conto lido, em que lugar ocorrem as ações da história?

### Habilidade trabalhada

*Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito.*

### Resposta comentada

Nesta questão espera-se que o aluno partindo das explicações acima e dos conhecimentos adquiridos durante as aulas o aluno deverá responder que todas as ações da narrativa se passam numa barca que atravessa um rio e que este espaço é descrito detalhadamente no começo da narrativa.

## ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

## QUESTÃO 3

Leia o fragmento extraído do texto acima:

*“Faz uns seis meses. Imagine que nós vivíamos tão bem, mas tão bem! **Quando** ele encontrou por acaso com essa antiga namorada.”*

1 - Indique a ideia que o conectivo destacado na oração acima expressa:

- a) tempo.
- b) adição.
- c) explicação.



d) oposição.

#### QUESTÃO 4

Nos textos narrativos, temos um locutor que é o “*dono da voz*”, o locutor narrador, que pode abrir espaço para que outros falantes se expressem. Assim, dependendo da forma como o locutor principal reproduz a voz de outros falantes, temos o discurso direto e o discurso indireto.

Com base nas características estudadas sobre tipos de discursos, analise os fragmentos abaixo e responda que tipo de discurso está sendo empregado: o direto ou o indireto?

- “- A senhora é conformada.*
- Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.*
- Deus – repeti vagamente.*
- A senhora não acredita em Deus?”*

#### Habilidade trabalhada

*Identificar o uso dos discursos direto e indireto.*

#### Resposta comentada

Nesta questão, espera-se que o aluno, saiba diferenciar os tipos de discurso e para fazer a correção desta questão o professor deve levar o aluno a perceber que no fragmento do texto o narrador interrompe a narrativa e abre espaço para a fala da personagem mostrando um diálogo ocorrido entre estas, utilizando a forma do discurso direto.

## QUESTÃO 5

A pontuação sugere, na escrita, a entonação e o modo como a personagem fala, ou seja, se ela está falando com alegria tristeza, hesitação entre outros. Portanto, podemos dizer que a pontuação é importante por ser um recurso fundamental para a construção do texto escrito, pois assim podemos dar a entonação correta à fala das personagens. Para que isso possa ser realizado, lançamos mão dos sinais de pontuação que indicam ao leitor uma marca de maior ou menor pausa na leitura. Leia o fragmento abaixo e responda diga o que significam as reticências apresentadas nele.

*Antes de sair ainda me acenou, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me acenou através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela de arame no meio...*

### Habilidade trabalhada

*Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.*

### Resposta comentada

O aluno deverá responder que este sinal de pontuação foi utilizado para que o leitor subentenda o que seria anunciado e imagine o que a personagem pensava ao interromper a fala. E que perceba que são hesitações comuns na oralidade.

## TEXTO GERADOR II

### HOMEM OLHANDO O MAR

*Ela carregava a pasta contra o peito, e caminhava com estudada displicência – o que, de certo modo, disfarçava a deselegância do uniforme. Deu uma corridinha para atravessar a*

*rua e depois se compenetrrou, tentando fazer-se adulta. Logo se distraía, de vitrine, com seu próprio corpo que passava, refletido no vidro – às vezes estacando para olhar um vestido, uma bolsa, um sapato Bárbaro, murmurava.*

*Na esquina se deteve junto à carrocinha de sorvete:*

*- De chocolate.*

*A mãe era capaz de dizer que não ficava bem uma moça de 13 anos tomando sorvete pela rua afora. Ainda mais nesse passinho saltitante, evitando as listas pretas da calçada, só pisando nas brancas. Pouco se importava: muita coisa que não ficava bem ela gostava de fazer. Por exemplo: tirar o sapato ali mesmo e andar descalça, dava vontade. Outro exemplo: matar a última aula, pois não era isso mesmo?*

*Sorvete acabado, ficou pensando se agora não seria o caso de comprar um sacode pipocas. Enquanto decidia, olhava os cartazes de cinema. Por um instante teve a tentação de entrar. Isto é, se o dinheiro desse. Isto é se desse tempo. Isto é, se já não tivesse visto aquele filme.*

*- Amanhã vou pedir ao papai – afirmou, como se falasse para o próprio sapatinho branco na vitrine, logo adiante: bárbaro também. O pai, naquele instante na cidade, trabalhando no escritório. O que eu estou precisando é tomar juízo, concluiu. Mas, francamente: só a última aula. Ainda mais numa tarde tão bonita como aquela. Virou a esquina em direção ao mar.*

*O mar: Ondas que se quebravam lá adiante, espumando verde. Ao longe, cruzando a barra, um navio branco. O azul do céu sem uma nuvem, a areia dourada. Foi andando devagar, ao longo da praia, reconciliada com o mundo, leve, distraída, olhando o mar.*

*De repente estacou, surpresa: num dos bancos, logo adiante, um homem também olhando o mar.*

*Um homem alto como seu pai, curvado como seu pai, olhando o mar. Mas, àquela hora, sentado sozinho num banco de praia, paletó largado ao colo, olhando o mar?*

*Virou rapidamente o rosto, porque ele se movera e já podia tê-la visto. Deu-lhe as costas e atravessou a rua, aturdida com a descoberta: ele também matava aula para ficar olhando o mar. Antes de desaparecer na esquina, arriscou ainda um olhar furtivo, para confirmar lá está ele. Teve a impressão de que agora ele é que virava o rosto, para não ser reconhecido. Por via das dúvidas, foi logo para casa.*

*Já era tempo mesmo: chegou à hora de sempre.*

*À noite, ele chegou também à hora de sempre. E durante o jantar, a uma pergunta da mulher, enfrentou a família com o costumeiro sorriso de cansaço.*

*- Tive um dia atarefadíssimo, hoje.*

*Olhou a filha, meio ressabiado, mas ela já lhe devolvia o olhar, com ternura. Uma ternura cúmplice.*

*(Fernando Sabino)*

## ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

### QUESTÃO 6

O professor deverá pedir que ao aluno que escreva um conto curto, tomando como base o conto “Homem Olhando O Mar”, e o faça a partir de um fato que ocorra no presente, onde o narrador deverá ser um narrador-observador e que o fato narrado seja dentro de uma festa.

#### Habilidade trabalhada

*Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.*

#### Resposta comentada

O objetivo da questão é incentivar aos alunos a ter um olhar criativo a partir de fatos simples do cotidiano.